

# A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA MÍDIA DIGITAL: UMA ANÁLISE DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO

CRISTIANE DE MELO NUNES\*

ANA CECÍLIA DA COSTA\*\*

## RESUMO

O presente estudo apresenta brevemente a variação linguística da língua portuguesa - com destaque à pluralidade e ao preconceito linguístico - na linguagem jornalística do jornal Folha de S. Paulo e as influências que o periódico sofre da gramática normativa, do Manual da Redação editado pelo próprio jornal e da variação da língua. Apresenta exemplos de diferentes cadernos e colunas, com destaque para a ocorrência de diferentes variantes. Analisa os termos característicos da variação linguística e compara o uso destes com o previsto na gramática normativa e no Manual da Redação. Objetiva demonstrar que a variação está presente no dia a dia de todos, refletindo, assim, na imprensa jornalística.

## PALAVRAS CHAVE

Norma padrão. Variação linguística. Texto jornalístico

## INTRODUÇÃO

**E**ste estudo analisará aspectos da variação linguística da língua portuguesa escrita, na versão digital do jornal Folha de S. Paulo, a partir dos pressupostos da Teoria da Variação, conforme defendem autores como Marcos Bagno (2001, 2002 e 2007) e Fernando Tarallo (2002).

É sabido que há, no Português do Brasil, uma língua formal chamada de **norma padrão** ou **norma culta**, a qual serve de referencial para a imprensa brasileira.

Bechara (2015, p. 44) define:

\* Graduada em Direito pela Universidade Santa Cecília e Licenciada em Letras - Português/Inglês pela Universidade Católica de Santos. E-mail: cristiane\_mnunes@yahoo.com.br

\*\* Professora dos cursos de Licenciatura em Letras, Tradução e Direito da Universidade Católica de Santos. Licenciada em Letras - Português/Francês pela Universidade Católica de Santos. Mestre em Língua Portuguesa pela PUC/SP. E-mail: aceciliacosta@yahoo.com.br

A norma contém tudo o que na língua não é funcional, mas que é tradicional, comum e constante, ou, em outras palavras, tudo o que se diz ‘assim, e não de outra maneira’. É o plano de estruturação do saber idiomático que está mais próximo das realizações concretas. O sistema e a norma de uma língua funcional refletem a sua estrutura.

Contudo, não se pode ignorar as variantes na utilização da língua que, apesar de mais comumente identificada na linguagem oral, pode também ser encontrada com frequência na linguagem escrita.

Assim, este estudo busca evidenciar que, em geral, os meios de comunicação utilizam-se da norma padrão da língua portuguesa, todavia, diferentes fatores como cultura, regionalismo, assunto, público-alvo, entre outros, acabam por trazer à tona nos textos jornalísticos termos, expressões e até modos de escrita que caracterizam e individualizam quem escreve.

Não se visa, aqui, defender o combate à norma padrão - mesmo porque a entendemos necessária para a socialização e facilidade da comunicação de um povo - mas sim de ressaltar a riqueza da variação que a língua comporta e incentivar sua aceitação e exploração.

A variação da língua é importante porque, como “atividade social” (BAGNO, 2007, p.19), evidencia a pluralidade de falares existentes, por exemplo, caracterizadores de cada região (variação diatópica), em diferentes situações (variação diafásica), de acordo com o grau socioeconômico (variação diastrática).

Neste estudo, abordaremos a variação da língua na mídia digital, em especial no Jornal Folha de S. Paulo, em virtude da diversidade de seu conteúdo e por sua relevância na formação de leitores no país.

Assim, analisaremos alguns textos do periódico, de diferentes cadernos, a fim de identificar marcas de oralidade, em virtude do estilo dos referidos cadernos e/ou do público-alvo para quem se escreve.

A mídia geralmente utiliza-se da norma padrão na escrita e o jornal analisado possui, inclusive, seu próprio *Manual da Redação* (2011), contudo, ainda assim, o jornal é rico em relação à variação da língua, como veremos.

Será abordada a definição da norma padrão e da variação linguística, bem como o aspecto da pluralidade e do preconceito linguístico e a linguagem jornalística e características do jornal Folha de S. Paulo, trazendo o perfil do leitor e a estrutura do *Manual da Redação*, editado pelo próprio jornal, e instrumento de trabalho dos jornalistas do periódico.

Por fim, será feita a análise do corpus, com exemplos do Caderno Mercado, do Guia, do Caderno Cotidiano, de algumas colunas assinadas e com o confronto de publicações com as recomendações do *Manual da Redação*, todos retirados da versão *online* da Folha de S. Paulo.

## 1. A NORMA PADRÃO E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A língua portuguesa apresenta uma norma padrão, uma linguagem formal, sistematizada pela gramática, a fim de unificar a língua e instituir um modelo de língua entre seus falantes.

Faraco (2010, p. 12) define linguagem da seguinte forma:

Para expressar-se e comunicar-se, o ser humano dispõe de uma série de recursos, como palavras, gestos, expressões fisionômicas, símbolos, sons, etc.

Esses recursos, quando organizados, constituem sistemas, que são as **línguas**.

Mas a linguagem não é apenas um meio de comunicação, de transmissão de informação ou um suporte do pensamento: a linguagem é também uma forma de interação entre indivíduos.

Com essa definição o autor evidencia tanto a linguagem verbal como a não verbal, esta, caracterizada pelos “gestos, expressões fisionômicas, símbolos”, demonstrando, assim, uma enorme variedade de tipos de comunicação.

O autor ainda distingue gramática normativa, como sendo a que “descreve e estabelece regras a serem seguidas por todos aqueles que querem falar e escrever de acordo com a norma-padrão” (FARACO, 2010, p. 16) e a gramática descritiva, que “não leva em conta o conceito de “certo” ou “errado”, pois considera que a língua é feita pelos falantes e que compete aos gramáticos recolher e analisar o material produzido por esses falantes” (FARACO, 2010, p. 17).

Nos dizeres de Faraco (FARACO, 2010, p. 16):

A norma-padrão é aquela empregada nas situações formais de comunicação pelos meios de comunicação em geral (imprensa escrita, rádio, televisão, publicidade, etc.), pelos escritores e, de maneira geral, pela elite social e econômica. O falar regional, a linguagem coloquial, as gírias e tudo o que caracteriza situações informais não são levados em conta na norma-padrão. Assim sendo, segundo a gramática normativa, são consideradas “incorretas” formas como: Te amo; Vende-se casas; Nós gosta; O professor pediu pra mim fazer a chamada.

Bechara (2015, p. 30), renomado gramático e estudioso da língua portuguesa, trata da teoria gramatical e define a linguagem como “qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência”.

Ainda acrescenta (2015, p. 31):

Geralmente se ouve que a língua é imposta ao homem, porque este é obrigado a dizer que determinado objeto conhecido por sua comunidade como livro é livro e não lápis ou mesa. Tal fato não constitui uma limitação ou negação da liberdade do falante; é sim a dimensão histórica da linguagem, que coincide com a própria historicidade do homem. Trata-se de uma obrigação aceita livremente, e não de uma imposição. Este é o significado original da palavra latina obligatio [ECs. 8, 216]. A língua não é “imposta” ao homem; este “dispõe” dela para manifestar sua liberdade expressiva. As atividades livres implicam um próprio “dever ser”, isto é, uma série de normas intrínsecas.

Ou seja, ao afirmar que o falante tem liberdade e não há limitação da língua, mas apenas uma normatização que não obriga o falante, pode-se entender pela aceitação da variação linguística, pois o falante tem liberdade para adequar ao seu estilo de vida e meio de convivência o seu vocabulário, concordância, e linguagem em geral.

Por fim, o gramático afirma que a língua possui uma linha isoglossa<sup>1</sup> que a delimita, e quanto a isso discorre (2015, p. 33):

Esse sistema de isoglossas pode ser extensíssimo que abarque uma língua histórica de todos os falantes de uma larga comunidade, considerada no

<sup>1</sup> “linha geográfica que se traça em um atlas linguístico para assinalar os pontos onde vigora certo traço linguístico (fônico, morfológico, léxico ou sintático)” (<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=7me7Q>)

seu conjunto geográfico, social e individual (língua portuguesa, língua espanhola, língua francesa, língua latina, etc.);

pode ser menos extensa, principalmente quando a língua histórica é falada por mais de um país (língua portuguesa da modalidade europeia – “português de Portugal” / língua portuguesa da modalidade americana – “português do Brasil”, bem como língua portuguesa da África; língua inglesa da Inglaterra / língua inglesa dos Estados Unidos; francês da França / francês da Bélgica / francês do Canadá); pode ser ainda menos extensa do ponto de vista espacial português do Rio de Janeiro / português de Lisboa; francês de Paris; alemão da Bavieira); pode ser ainda menos extensa espacial, social e estilisticamente (português fluminense rural / português paulista familiar / português literário do romantismo brasileiro); pode abarcar um só falante (português de Machado de Assis / português de Eça de Queirós; português de um analfabeto).

Dito isso, o conceito de variação fica ainda mais elucidado e de fácil entendimento, pois todos conhecem ao menos uma pessoa que fale diferente, seja em relação à fonética, fonologia, morfologia, estilística, léxico, ou qualquer outro âmbito que a diferencie, tornando possível o entendimento e a aceitação.

Ante o exposto, nota-se que ambos os autores, gramáticos tradicionais, já admitem a variação linguística, ainda que de forma acanhada.

Há, contudo, autores que defendem categoricamente a variação linguística. Isso porque a língua portuguesa é muito rica, a depender de diversos aspectos, como região, nível socio-cultural, grau de instrução, situação em que se fala, grupo que cada falante está inserido, ascendência, entre outros.

Tarallo (2002, p. 12), ao estudar a sociolinguística, defende:

Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade.

A obra *Língua materna: letramento, variação & ensino* (2002), escrita por Bagno (brasileiro), Stubbs (inglês) e Gagné (canadense), sobre as variações linguísticas sofridas pela norma padrão em cada um desses lugares e quais as influências causadas pelo atual método de ensino das escolas no futuro do aluno, deixa evidente que a variação não é tema em pauta apenas no Brasil.

Na referida obra, Bagno (2002) discorre, num ensaio intitulado *A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística*, sobre a importância da diversidade linguística e defende que o método de ensino do português deve sofrer alterações, sendo que sua realidade na comunicação poderá sofrer modificações positivas ou negativas, o que para muitos é tido como radical.

Bagno (2007, p. 155) defende a criação de uma “gramática do português brasileiro” porque, segundo ele, as pessoas têm necessidade de recorrer a uma norma quando precisam esclarecer suas dúvidas, contudo, entende que as gramáticas disponíveis atualmente são prescritivas.

Seu ponto de vista é esclarecido com a utilização da literatura, por exemplo, em que ele menciona os autores renomados, tidos como referencial por utilizar linguagem padrão. As

interferências da língua falada, porém, são vetadas pelos gramáticos, que as consideram como erradas.

No entendimento de Bagno (2007, 157), “...o uso que os gramáticos fazem dos escritores é *conduzido* pelas concepções de correção e incorreção que o gramático já traz como *crença prévia* a seu trabalho”.

Entretanto, criar uma nova gramática seria prescrever novas regras que, fatalmente, em breve estariam em desacordo com novos falares. Assim, o que parece mais coerente é aceitar e explorar as variantes da língua, incorporando-as no ensino e na vivência dos falantes como complemento da gramática existente.

### 1.1. Pluralidade linguística

É fato que existe a norma padrão e este estudo não tem qualquer intenção de fazer com que o leitor cogite a hipótese de extingui-la, ao contrário, temos a normatização da língua como necessária para que o entendimento de todos os seus falantes seja mais eficiente.

Contudo, da mesma forma que se respeita e exige a norma padrão, deve haver aceitação e respeito às variantes da língua, usadas por todos, especialmente na linguagem oral.

Sobre essa questão, Bagno (2002, p. 31) assim esclarece:

Não será o caso, porém, de simplesmente substituir uma NP, anacrônica e destoante da realidade presente da língua viva, por uma outra, mais atualizada. Isso implicaria simplesmente numa troca de referencial, na instituição de um novo modelo, que fatalmente se tornaria ele também obsoleto, uma vez que os processos de mudança e variação das línguas vivas são incessantes e ininterruptos. Além disso, escolhendo apenas os usos linguísticos das camadas privilegiadas da sociedade (os chamados falantes cultos), essa norma nova perpetuaria a exclusão social dos milhões de brasileiros que não pertencem a essas camadas.

Isso significa dizer que a língua é viva, está em constante mudança e, com isso, a pluralidade é inevitável, a depender do tempo, do ambiente, do grupo, da faixa etária, do grau de instrução, do nível social, da região, da ascendência, entre outros fatores, e isso não pode ser ignorado.

Por outro lado, reescrever a gramática seria apresentar um novo modelo padrão, o que não é conveniente, pois, como já visto, isso implicaria normatizar a língua atual, e, mais tarde, esta norma ser absorvida por outras mudanças.

Então, o conceito linguista é “descrever a língua em suas múltiplas manifestações e oferecer hipóteses e teorias consistentes para explicar fenômenos linguísticos” (BAGNO, 2002, p. 32).

### 1.2. Preconceito linguístico

Toda pessoa nasce, cresce e desenvolve-se constituída por uma cultura e uma tradição, por costumes, inserida em um grupo socioeconômico, mas, sobretudo, constitui-se como sujeito da/na língua.

Ocorre que há um discurso dominante que admite como certo a norma padrão estabelecida na língua portuguesa e, em consequência disso, tudo o que não está regulado como norma padrão/culta, é considerado errado.

Isso é muito frequente em situações em que uma pessoa assume um posto hierarquicamente superior a outra, ou é mais instruída, e em consequência disso, acaba por não admitir certos termos e usos de seus subordinados, ou daqueles menos instruídos.

Essa cultura, então, torna-se um círculo vicioso em que o que se acha superior não aceita as variantes utilizadas por outros, mas também não é bem visto por aqueles que se acham superior a ele.

Ou seja, a língua está intimamente ligada ao poder, sendo que quem o possui acredita expressar-se melhor do que os outros, mas ignora suas próprias variantes.

A partir desse estigma, nasce o preconceito linguístico, pois ele acaba por anular toda a bagagem que as pessoas carregam consigo e até mesmo provoca a inibição do sujeito ao falar em determinadas situações, por medo de não usar a língua padrão da maneira entendida como correta.

Bagno (2002, p. 18) ressalta que a educação linguística que surge logo no início da vida de um indivíduo deveria ser tratada de maneira diferente nas escolas. No contexto escolar, segundo ele, a educação linguística se constitui em:

- (i) o desenvolvimento ininterrupto das habilidades de ler, escrever, falar e escutar;
- (ii) o conhecimento e reconhecimento da realidade intrinsecamente múltipla, variável e heterogênea da língua, realidade sujeita aos influxos das ideologias e dos juízos de valor;
- (iii) a constituição de um conhecimento sistemático sobre a língua, tomada como objetivo de análise, reflexão e investigação.

Tanto Bagno (2002) como os outros dois autores da obra citada defendem que a criança deveria ser preparada para comunicar-se em qualquer situação, não tendo como base de aprendizado, portanto, apenas a gramática padrão da língua portuguesa como algo abstrato, mas todas as realidades (histórica, cultural, social) em que a língua está inserida.

Para os autores, mais importante que aprender a gramática formal, é o aluno aprender a comunicar-se / fazer-se entender e isso só é possível com a utilização das variantes da língua no ensino/aprendizado, mesmo porque as pessoas se comunicam em seu dia a dia muito mais de maneira oral do que escrita.

Observado isso e considerando que esta não é a realidade brasileira, ou seja, as crianças são ensinadas apenas com base na gramática da língua padrão, crescem com a ideia de que a língua admite apenas e taxativamente o certo e o errado, quando deveria haver uma flexibilidade da língua escrita e falada.

Com esse pensamento, o preconceito linguístico ganha força. Sobre isso, Bagno (2007, p. 28) afirma:

[...] há erros mais “errados” (ou mais “crassos”) do que outros – a escala de “crassidade” é inversamente proporcional à escala do prestígio social: quanto menos prestigiado socialmente é um indivíduo, quanto mais baixo ele estiver na pirâmide das classes sociais, mais erros (e erros “crassos”) os membros das classes privilegiadas encontram na língua dele.

Os falantes urbanos letrados detectam menos “erros crassos e constantes” na fala de pessoas de sua mesma origem social notoriamente privilegiada.

Com isso, Bagno (2002) defende que o preconceito é mais social do que linguístico, pois as pessoas tendem a aceitar os mesmos **erros** que os seus, ainda que em desacordo com a norma padrão, mas não aceitam **erros** diferentes dos seus, principalmente se originários de pessoas de nível social ou grau de instrução inferior.

No mais, o autor mostra-se contrário à denominação **norma culta**, que para ele já é preconceituosa por si só. Isso porque ao classificar a língua culta e língua popular, entende-se que são antônimos, o que não se pode admitir, já que a linguagem popular é aquela dita pelo mesmo povo, o povo brasileiro.

Por mais que haja diferença social, econômica, de instrução, entre outras, Bagno defende que mesmo o mais pobre, o mais humilde, o menos instruído nasceu sob determinada cultura, crença, hábitos e valores, portanto, não se pode dizer que a linguagem popular é menor do que a dita língua culta.

A teoria variacionista admite que culto e popular não são antônimos, mas “domínios de saber diferentes” (BAGNO, 2007, p. 60). Todavia, afirma Bagno (2007, p.60): “(...) numa sociedade extremamente (e desigualmente) dividida como a nossa, o adjetivo *popular* é muitas vezes usado com conotações pejorativas, depreciativas, para indicar algo de menor importância, de menor valor na escala de prestígio social”.

## 2. A LINGUAGEM JORNALÍSTICA

A linguagem jornalística registra fatos, opiniões e mensagens em geral, que contemplem os fatos cotidianos, utilizando-se das linguagens verbal e não verbal.

Nelson Lage (1998 *apud* CASTRO e OLIVEIRA, 2012) “denomina linguagem jornalística como um conceito que relaciona três definições diferentes: registro de linguagem, processo comunicativo e mensagens ideológicas”.

O registro de linguagem é o uso que se faz da forma culta ou coloquial, sendo que o objetivo do jornal é que a mensagem do texto seja bem entendida pelos seus leitores.

O processo comunicativo se dá exatamente por meio deste objetivo, ou seja, um texto bem escrito e com uso adequado da linguagem torna viável a comunicação entre escritor e receptor, alcançando, portanto, o intuito de informar.

Por fim, as mensagens ideológicas apresentam-se porque o jornalismo narra questões que estão acontecendo com as pessoas pelo mundo a todo instante, não havendo possibilidade de se distanciar de ideologias e estereótipos.

Assim, de acordo com Castro e Oliveira (2012) a linguagem jornalística pode ser definida como o registro de linguagem através de um processo comunicativo com uso de mensagens ideológicas.

A linguagem jornalística, por tradição, sempre buscou pautar seus textos seguindo a norma padrão da língua portuguesa. Contudo, há muito tempo a televisão e o rádio têm adequado seu vocabulário a um contorno mais informal, a fim de ficar mais próximo do público, que usa, normalmente, uma linguagem oral mais livre.

Com essas mudanças, a mídia escrita também foi, aos poucos, aderindo a essa linguagem informal.

Desse modo, não raras vezes ambas as formas se misturam num mesmo texto, em que o autor usa como base a norma culta, mas também se utiliza de termos e formas coloquiais de escrita, a fim de deixar o texto mais simples e de fácil interpretação.

Há uma atenção especial, no entanto, para que se evitem gírias e desvios de concordância. Regionalismos são raramente encontrados na mídia escrita, e quando utilizados, geralmente são em jornais locais e de circulação em pequena região.

Neste contexto, Bagno (2002, p. 35) afirma:

E mesmo a imprensa mais conceituada, que tenta ocupar o lugar deixado vago pela literatura como depositária da NP tradicional, só consegue fazer isso como discurso, pois na prática a imprensa escrita se revela também muito permeável a todas as formas linguísticas que caracterizam o português brasileiro culto contemporâneo.

Há ainda um conceito de que o texto jornalístico, para que se faça entender, deve obedecer a uma regra: que o receptor, ao ler a notícia, consiga responder as seguintes perguntas: O quê? Quem? Como? Onde? Por quê?

Essa regra de produção jornalística serve para que os autores não deixem de produzir um texto claro e o leitor possa compreender a notícia de forma clara e eficaz.

## 2.1. O jornal Folha de S. Paulo

O jornal Folha de S. Paulo foi assim denominado em 1º de janeiro de 1960, após diversas transições de nomes, administração e seguimento desde sua criação, em 1921.

Inicialmente o Jornal chamava-se Folha da Noite, cuja impressão ocorria nas oficinas de O Estado de S. Paulo. Mais tarde foi criada a Folha da Manhã. Ambos tinham estrutura similar, mas a Folha da Noite desse período buscava atingir o público de imigrantes, em sua maioria formada por grupos de operários, um contingente que começava a se destacar no cenário urbano, contando com o noticiário de articulação política dos jornais operários.

Mais tarde, sob nova administração, a companhia teve o nome alterado para Empresa Folha da Manhã, mantendo os periódicos Folha da Manhã e Folha da Noite.

Em 1949 fora lançada a Folha da Tarde e em 1960 os três títulos se fundiram, passando a nomear-se Folha de S. Paulo, que mais tarde incorporou o jornal Notícias Populares, criado em 1963 e extinto pelo Grupo Folha em 2001.

Na década de 80 o jornal implantou o Manual da Redação, documento que reúne a concepção do jornal, desde a política editorial até as fases de produção. O documento existe até os dias atuais e serve de parâmetro para os profissionais que trabalham no periódico.

Ainda na década de 80, em 1987, foi iniciado o Banco de Dados informatizado do jornal, em convênio com a Editora Abril, que abarcou a partir de 1988 um índice eletrônico da Folha e de diversas revistas brasileiras.

Mais tarde, a Folha de S. Paulo passa a oferecer novos cadernos, como Brasil, Mundo, Dinheiro, Cotidiano e Esporte.

O jornal sempre teve bastante representatividade política e sobre fatos importantes no país, buscando ser um jornalismo crítico, pluralista, apertado e moderno.

De acordo com o estudo de COSTA (2015), em 1992, a Folha de S. Paulo se consolida como o jornal de maior circulação paga aos domingos (média de 522.215 exemplares) e em 1993 atinge circulação média de 420 mil exemplares diários e mais de 700 mil aos domingos, a maior circulação do país.

Em 1996 é lançado experimentalmente o Universo Online (UOL), de livre acesso aos usuários da Internet, contendo textos integrais publicados na Folha nos três anos anteriores.



No mês de setembro daquele ano o Universo *Online* (UOL) fundiu-se com o Brasil *Online* (Grupo Abril), formando a primeira associação de dois importantes grupos de comunicação do país.

Em 1999 foi lançado o jornal *Agora* pelo Grupo Folha em substituição à *Folha da Tarde*. O novo jornal era direcionado às classes C e D paulistanas e tinha proposta de ser um guia útil para o leitor enfrentar as dificuldades do dia a dia.

Pelo exposto, indiscutível a consolidação da Folha como uma das maiores empresas de comunicação do Brasil.

Em 2015, os números da circulação paga eram de 344.022 exemplares aos domingos, 316.860 exemplares em dias úteis e uma média de segunda a domingo de 320.741 exemplares (<http://www1.folha.uol.com.br/institucional/circulacao.shtml>).

Atualmente a Folha de S. Paulo tem circulação em todo o território brasileiro, sendo o diário de maior tiragem e circulação nacional, além do acesso digital. Sua página na rede mundial de computadores pode ser acessada de qualquer lugar do mundo e é referência para quem busca qualquer tipo de informação.

Por esse motivo e também por abarcar conteúdo de grande diversidade o jornal foi escolhido para análise do presente estudo, que trará exemplos da variação linguística.

## 2.2. Perfil do leitor da Folha de S. Paulo

De acordo com pesquisas realizadas pela própria Folha em 2012, existiam naquela época 887.000 leitores do caderno na Grande São Paulo, sendo seus interesses (COSTA, 2015):

- 94% em noticiários/notícias do momento;
- 88% em educação escolar;
- 82% em finanças pessoais/orçamento familiar;
- 79% em ecologia/meio ambiente;
- 73% em meteorologia/tempo

Mencionada pesquisa também definiu o perfil dos leitores do caderno Cotidiano, um dos mais importantes da Folha de S. Paulo, como sendo um leitor que tem urgência e preocupação em manter-se atualizado e é também preocupado com sua rotina e o futuro.

Os percentuais apontaram 54% dos leitores do sexo masculino para 46% feminino; 56% da classe econômica B, para 24% da classe A, 20% da classe C e 1% das classes D e E; 20% com idade de 35 a 44 anos, 19% das faixas de 45 a 54 anos e 25 a 34 anos, 14% entre 55 e 64 anos, 12% entre 18 e 24 anos, 9% os com mais de 65 anos e 7% entre 10 e 17 anos.

Ou seja, a pesquisa aponta que o público leitor do jornal corresponde à elite econômica brasileira, visto que apenas 21% dos leitores pertencem às classes C, D e E e a faixa etária é bastante diversificada.

Percebemos, portanto, que a pesquisa é importante para que os dados apresentados possam colaborar para que o discurso jornalístico seja uma prática social. No mais, conhecendo o público leitor, a variação linguística que ora estudamos reflete a voz de um jornal que conhece bem os interesses de sua massa leitora, relegando, portanto, um discurso que mobilizaria as classes cujo acesso à diversidade de informação ainda é pífio.

## 2.3. O Manual da Redação da Folha de S. Paulo

O Manual da Redação, elaborado em 1984 pelo jornal Folha de S. Paulo, tem o intuito de dar diretrizes aos seus jornalistas: “O texto não se limitava a impor regras gramaticais e

padronizar a linguagem. Dava ao jornalista noções de produção gráfica, definia conceitos e servia como base para discussões no dia-a-dia da Redação” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2011).

Referido documento está atualizado com as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, foi elaborado por diversos especialistas nas diferentes categorias e o conteúdo foi aprovado por “um colegiado composto pelos integrantes da Direção e da Secretaria de Redação da Folha” (introdução: FOLHA DE SÃO PAULO, 2011 ).

No mais, o manual é composto por quatro capítulos:

- 1 Projeto Folha, que reproduz a última versão do projeto editorial do jornal divulgada em 17 de agosto de 1997;
- 2 Procedimentos, capítulo composto de texto corrido e verbetes que explica como os jornalistas da **Folha** devem seguir, na prática cotidiana, as diretrizes estabelecidas pelo projeto editorial;
- 3 Padronização e estilo, com verbetes que apresentam as recomendações da **Folha** a seus jornalistas para a elaboração de textos;
- 4 Estrutura da Folha, que conta a história do grupo e apresenta suas empresas, unidades de negócios, principais departamentos e funções profissionais. (2011, p. 8)

No capítulo 1, são tratados temas como mudanças econômicas e políticas, investimentos, análise do jornalismo, treinamentos e reciclagem, entre outros.

O capítulo 2 sugere procedimentos a serem adotados pelos jornalistas em todas as etapas de produção do jornal: planejamento, discussão, pauta, seleção, ética, entre outros. Na etapa da seleção, por exemplo, tem-se: “Selecionar significa também priorizar assuntos, mesmo em detrimento de outros, de modo a concentrar o trabalho principal da equipe naquilo que a edição julgar mais relevante” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2011, p. 21).

No capítulo 3, as recomendações são apresentadas em formato de verbete, destacando as mais frequentes. Vejamos algumas:

**acreditar** – Evite o uso desse verbo para introduzir declaração de personagem da notícia. É impossível para o repórter saber se alguém acredita ou não em alguma coisa. Prefira a forma “dizer acreditar”: O deputado diz acreditar que o governo vencerá a eleição, em vez de O deputado acredita que o governo vencerá a eleição. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2011, p. 51)

**mulheres** – Trate mulheres que são personagens de notícias da mesma forma que homens. Informe sua profissão ou cargo e também a idade. Na segunda menção à pessoa em um mesmo texto, identifique-a pelo sobrenome, a não ser quando for mais conhecida pelo prenome chama-la pelo sobrenome possa gerar desinformação. Por exemplo, use Ruth e não Cardoso para se referir à mulher de Fernando Henrique Cardoso.

Use o gênero feminino para designar atividade, função ou cargo exercido por mulher: a embaixadora Fulana de Tal. Cuidado: há exceções como presidente, gerente ou poeta, usados na Folha como comum de dois gêneros (a presidente).

Evite o uso de expressões estereotipadas (garota, sexo frágil, gata, boneca). Também não use o tratamento dona, da mesma forma que o jornal não usa sr. antes de nome de homem. Não mencione características físicas (loira,

atraente), a menos que citá-las seja relevante para a notícia. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2011, p. 87)

Neste segmento, vale destacar uma recomendação do Manual que vai ao encontro deste estudo, como já foi dito anteriormente:

**linguagem coloquial** – O texto de jornal deve ter estilo próximo da linguagem cotidiana, sem deixar de ser fiel à norma culta, evitando erros gramaticais, gíria, vulgaridade e deselegância.

Escolha a palavra mais simples e a expressão mais direta e clara possível, sem tornar o texto impreciso. Palavras difíceis e construções rebuscadas dificultam a comunicação e tornam o texto pedante: Ele não sabe quanto gastou na compra é melhor que Ele não dispõe dos custos exatos da transação comercial. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2011, p. 79)

Ou seja, a própria instituição, de origem conservadora e inicialmente pautada na norma-padrão da língua, sugere que seus profissionais utilizem uma linguagem simples e de fácil compreensão. Destaque-se que, na mídia digital, por ser fonte relativamente nova e certamente por abranger um público mais variado, a linguagem tende a ser ainda mais simples, como veremos adiante.

Por fim, o capítulo 4, também em verbetes, apresenta os diversos setores do Jornal, por exemplo:

**editor** – Cabem ao editor, como responsável por uma editoria, o planejamento e comando da execução do projeto editorial da Folha em sua área específica de atuação. Ele responde também pelos aspectos administrativos e operacionais da unidade. É cargo de confiança. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2011, p. 114)

**editoria** – Unidade organizacional básica da Redação, responsável pela produção e pela edição de material noticioso de um determinado campo temático. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2011, p. 114)

Há ainda 12 anexos: gramatical; legislativo; jurídico; militar; de religiões; médico; matemático e estatístico; geográfico, com mapas; econômico; transliteração de nomes estrangeiros; e principais estrangeirismos, com grafia adotada pela Folha e siglas, com endereços e telefones. Cada anexo traz termos, definições e expressões peculiares.

No anexo gramatical, objeto deste estudo, o manual sugere soluções para evitar problemas de gramática, normalmente enfrentados, por exemplo:

**a nível de** – Evite, pois trata-se de modismo. Numa situação como **Isso só ocorre em nível estadual**, empregue, por exemplo, o termo “âmbito”: **Isso só ocorre em âmbito estadual**. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2011, p. 125)

**dia a dia** – O Acordo Ortográfico eliminou a diferença gráfica entre a locução adverbial e o substantivo composto. Grafasse, “dia a dia” em qualquer dos casos: **Ela melhora dia a dia. É duro o dia a dia da maioria dos brasileiros** (FOLHA DE SÃO PAULO, 2011, p. 132);

já – Evite o uso pleonástico de já: **Ela já não canta mais**. Basta dizer **Ela já não canta** ou **Ela não canta mais** (FOLHA DE SÃO PAULO, 2011, p. 137).

O material é, portanto, bastante variado e de simples consulta, sendo útil não só para jornalistas da Folha, mas para qualquer profissional que trabalhe com a língua portuguesa, pois reúne regras gramaticais de forma simples, tornando a consulta rápida e apresenta sugestões para problemas gramaticais do cotidiano, também de fácil verificação.

Ainda, importante perceber que mesmo com o Manual e a recomendação de observar a norma padrão, o jornal apresenta variação, como veremos na análise.

### 3. ANÁLISE DO CORPUS

Os textos a seguir, selecionados para análise, foram publicados originalmente na versão *online* do jornal Folha de S. Paulo nos anos de 2015 e 2016. Importante destacar que o jornal foi escolhido por ser referência de informação no país, além de conter vasta diversidade de assuntos, público diversificado e colunistas de renomes.

Com relação ao tempo, o período escolhido foi delimitado apenas por uma questão organizacional, pois como não há análise diacrônica, mas apenas da variação linguística, a questão temporal na seleção do corpus não foi relevante.

Foram extraídos textos de diferentes cadernos e colunas do jornal, a fim de se observar e analisar a variação linguística existente, tendo como ponto de partida não apenas a gramática normativa, mas também o Manual da Redação editado pelo jornal.

#### 3.1. Caderno mercado

Em 26/09/2016, foi publicado no caderno ‘mercado’ a matéria “Gasto de brasileiro no exterior volta a subir e fica em US\$1,29 bi em agosto” (ALEGRETTI, 2016).

O caderno caracteriza-se por trazer notícias sobre a situação econômica do Brasil e do mundo, em especial na área de negócios. Apresenta orientação quanto a investimentos e índices econômicos, com informações precisas e com linguagem bastante clara.

Contudo, por muitas vezes o público-leitor não ser apenas o interessado pelo conhecimento da realidade financeira do país e do mundo, mas também pessoas físicas ou jurídicas que buscam, com esta leitura, diretrizes para seus negócios, as matérias veiculadas neste caderno costumam estar de acordo com a norma padrão, sem fazer uso de gírias ou termos da linguagem muito simplistas.

Destacamos um trecho do texto para análise:

Com taxa de câmbio mais favorável, os gastos dos brasileiros em viagens ao exterior voltaram a subir, segundo dados divulgados pelo Banco Central nesta segunda-feira (26). Em agosto, as despesas dos turistas do Brasil no exterior somaram US\$ 1,29 bilhão, valor superior à despesa de US\$ 1,26 bilhão registrada no mesmo período de 2015.

É a primeira vez desde janeiro de 2015 que os brasileiros gastam mais no exterior do que no mesmo mês do ano anterior.

Para o Banco Central, o resultado de agosto e os dados parciais de setembro indicam retomada dos gastos de turistas brasileiros. Os principais motivos para esse desempenho são, segundo o governo,, a melhora na

taxa de câmbio para o consumidor brasileiro e um possível aumento da confiança na economia.

“O maior determinante é a taxa de câmbio, que determina os custos de viagens. Ela superou R\$ 4 no início (sic) do ano e agora está em patamar bem mais reduzido. A questão da confiança do consumidor e perspectiva de melhora da atividade também pode estar contribuindo”, afirmou o chefe do departamento econômico do Banco Central, Tulio Maciel.

Até 22 de setembro, Maciel adiantou que as despesas dos brasileiros no exterior já somavam US\$ 973 milhões. Se seguirem nesse ritmo, segundo ele, os gastos dos turistas brasileiros devem superar em cerca de 8% os gastos de US\$ 1,26 bilhão registrados em setembro de 2015 (ALEGRETTI, 2016).

Com o exemplo, verificamos realmente utilização da norma padrão, no entanto, não há palavras rebuscadas, utilizando-se da linguagem coloquial sugerida no Manual da Redação (2011, p.125):

**linguagem coloquial** – O texto de jornal deve ter estilo próximo da linguagem cotidiana, sem deixar de ser fiel à norma culta, evitando erros gramaticais, gíria, vulgaridade e deselegância.

Com isso, notamos que o Manual é eficaz, na medida em que, apesar de tratar de assunto sério e de muita utilidade na vida profissional dos leitores, a leitura é simples, tem fluidez e é de fácil entendimento.

### 3.2. O Guia

O “Guia” é uma revista editada no Jornal Folha de S. Paulo, atualizada diariamente na internet, mas impressa apenas às sextas-feiras nos exemplares do jornal que circulam na grande São Paulo. O “Guia” visa sugerir ao leitor passeios e eventos, bares e restaurantes que se destacam, shows, peças teatrais, filmes e todo tipo de arte e entretenimento que esteja acontecendo naquela semana.

Por ter uma característica voltada para o lazer do leitor, usa uma linguagem mais informal, como a do trecho abaixo, publicado com o título “Que trazas pra mim?” (WOLF, 2016):

Passar a Páscoa em São Paulo não significa ficar em casa devorando ovos de chocolate. O “Guia” selecionou eventos variados no feriado, de sexta (3) a domingo (5). Eles não pesam no bolso: a maioria é grátis ou custa em média R\$ 20.

Nas páginas a seguir, você encontra as dicas, divididas por seções. Algumas atrações, que são realizadas no mesmo espaço, estão conectadas para que você possa emendar dois passeios em um só. (grifamos)

Notamos que o título já é em linguagem bastante simples, fazendo alusão ao símbolo do coelho da Páscoa e música infantil tema da data.

No texto, encontramos o termo “devorando ovos”, no sentido de comer; “não pesam no bolso” com significado de que os eventos têm valor acessível e “conectadas”, fazendo referência ao termo tecnológico.

Caso o autor optasse por uma linguagem mais formal, tais expressões poderiam ser substituídas por “comendo muitos ovos”, “são baratos” e “interligadas”.

Ao final, a matéria inicia um parágrafo com a expressão “Aproveite também...”, expressão que aproxima o leitor, que realmente sente-se convidado para conferir as atrações.

Vemos, neste exemplo, várias marcas de oralidade, expressões não usuais na linguagem escrita e menos ainda na mídia jornalística. No entanto, por se tratar de uma seção do periódico em que o público-leitor é o que está em busca de sugestões de diversão e lazer, tais marcas são aceitas porque deixam o texto mais leve e não prejudicam a credibilidade do jornal nem o objetivo da matéria.

### 3.3. Caderno Cotidiano

O caderno **Cotidiano** é característico por apresentar ao leitor informações úteis e do dia a dia, em áreas que interessam a todos, como saúde, segurança, educação, trânsito, lazer e direitos do consumidor.

Assim, do mesmo modo que o exemplo anterior, a linguagem é simples e de fácil entendimento. Apesar de geralmente seguir a norma padrão, não há preocupação em ocorrência de termos técnicos ou rebuscados.

No exemplo utilizado, que noticiou a festa de ano novo de 2015, sob o título “Shows e queima de fogos atraem multidão na avenida Paulista”, destacamos o trecho que relata que “No momento da virada, quem comandava o palco era a dupla sertaneja Marcos & Belutti, que fez a contagem regressiva com o público” (GOLÇALVES, 2016).

O termo “virada” é definido no dicionário Houaiss (2009, p. 1949) como:

1 ato ou efeito de virar (-se); viradela <dar uma v. na manivela> <aquela v. de pescoço provocou um torcicolo na vovó> 2 fig. B infrm. em uma competição, a última etapa, na qual o perdedor reage e passa à frente do que vivencia <a v. foi aplaudida e comemorada> 3 p.ext.fig. mudança súbita e radical numa situação, num movimento, num comportamento; guinada <o casamento fez sua vida dar uma v.> 4 FUTB reação de um time que, depois de estar perdendo o jogo, se sai vencedor no final.

Contudo, no exemplo foi utilizado com referência à mudança de ano. A utilização do termo neste caso é comum, mas também é uma adaptação da palavra, como se virássemos o ano que termina para começar o novo ano.

Assim, o termo “virada de ano” é uma adaptação, já consagrada pelo uso, do seu significado literal, podendo ser caracterizado como variação linguística.

Outro termo bastante interessante no trecho destacado é o “comandava o palco”, pois o verbo utilizado é definido no dicionário Houaiss (2009, p. 497) como:

1 dirigir como superior em qualquer arma <comandava um contingente de 300 soldados > 2 deter autoridade sobre outrem <c. um grupo armado> <comanda a família com mão de ferro> <é inteligente, mas não sabe c.> 3 governar, administrar, gerir <c. um grupo de fábricas> <atingiu o topo, mas nunca chegou a c.> 4 dar orientação a, atuando como líder, chefiar <c. um assalto> 5 operar o mecanismo de controle de (um veículo), fazendo-o seguir um trajeto ou rumo <c. uma embarcação> 6 fig. Fazer (uma parte do corpo) mover-se da maneira pretendida <bêbado, não conseguia c. as pernas> 7 fig. Estabelecer preceitos, ordens; ordenar, mandar <os mandamentos comandam que não matem> 8 fig. ter domínio sobre; conduzir <a alegria comanda o espetáculo> 9 fig. Estar em posição mais elevada que; dominar <a praça-forte comanda a entrada da barra>.

Assim, temos outra adaptação da palavra, também consagrada pelo uso, que utiliza o verbo ‘comandar’ para dizer que a dupla sertaneja se apresentava no momento da chegada do novo ano e estava no controle da situação.

Ambos os termos são comuns na linguagem oral, portanto, mais uma vez há marcas de oralidade no texto escrito analisado. Isso faz com que o leitor sinta-se mais próximo da notícia, participante dos fatos.

Mais adiante, a notícia menciona que “O corretor de imóveis Edson André, 34, foi com a mulher e os dois filhos para a festa” (GOLÇALVES, 2016). Neste caso há uma questão semântica que deve ser observada: o verbo “ir” admite tanto a preposição “a” como a preposição “para”, contudo, a norma padrão definiu que “ir à” tem sentido temporário, enquanto “ir para”, exterioriza a intenção de ir para ficar definitivamente.

Dessa forma, como a família foi ao evento apenas para participar da festa de ano novo promovida na av. Paulista, o correto seria dizer que “O corretor de imóveis Edson André, 34, foi com a mulher e os dois filhos à festa.”.

Sabemos, no entanto, que principalmente na linguagem oral é muito comum utilizar o verbo “ir” acompanhado da preposição “para”, independente do que se pretende, sendo possível o entendimento pelo contexto da frase.

Desse modo, mais uma vez notamos a variação da língua presente na mídia analisada.

### 3.4. Colunas

Além de cadernos temáticos, o jornal Folha de S. Paulo possui algumas colunas, as quais são publicadas com regularidade no jornal.

As colunas são assinadas e não seguem o mesmo rigor que devem seguir os jornalistas da casa, quando escrevem suas matérias nos cadernos temáticos, portanto, os escritores têm mais liberdade na escrita e costumam usar de seu estilo e abusar de todas as possibilidades da língua.

O colunista José Simão escreve para a Folha de S. Paulo de terça a domingo e considera sua coluna um “telejornal humorístico”.

De fato a definição faz jus ao estilo do autor, que é conhecido por escrever sobre fatos atuais com bastante ironia e irreverência. Contudo, o jeito jocoso de escrever não deve ser menosprezado, isso porque o leitor que pretende entender os textos de Simão deve ter conhecimento de mundo e estar atualizado sobre os acontecimentos recentes do país e do exterior, já que o autor relata, de forma sucinta, fatos de diferentes seguimentos, no mesmo texto.

Analisaremos um texto de José Simão publicado em 20/01/2016, com o título “Crise! Cancelaram o Carnaval!” (SIMÃO, 2016):

Buamba! Buamba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República!  
 Crise! Direto de Rondônia: “Fundação Cultural de Vilhena cancelou o Carnaval de rua”.  
 Como é o nome do presidente da Fundação? Anísio RUAS!  
 Rarará!  
 Cancelaram o Carnaval!  
 Com essa crise, só vai ter Carnaval na Globo!  
 Rarará!  
 E, nesse mês de janeiro, Elvis Presley faria 81 anos caso estivesse morto!  
 Rarará!

E as ações da Petrobras? Caíram abaixo do nível do pré-sal! As ações da Petrobras estão sendo vendidas na Feira do Rolo em Brasília.

E na Feiraguay, em Feira de Santana, você compra uma, leva duas e ainda tem negócio!

Pontos de venda das ações da Petrobras: Feira do Rolo, em Brasília, e Feiraguay, em Feira de Santana!

Com cem ações da Petrobras ainda dá pra tomar um chopinho.

Com mil você toma um porre e esquece que comprou.

Rarará!

Ação da Petrobras agora é troco: “O senhor prefere bala ou ação da Petrobras?”. BALA!

E adorei a charge do Nicolielo: “Querida, traz aquelas ações da Petrobras pra eu acender a churrasqueira”.

Rarará.

Ação da Petrobras agora vem dentro do Kinder Ovo, como brinde. Ou vem no palito premiado da Kibon!

E um amigo meu vendeu ações da Petrobras, foi pra Bahia e não deu nem pra comprar um acarajé.

Virou petrobagaça!

Rarará!

E eu entrei no site duma empresa na Bahia e tava escrito: “Feliz 2012”. Quando a gente era feliz e não sabia.

Rarará.

É mole? É mole, mas sobe!

O brasileiro é cordial!

Placa num bar no interior do Paraná: “Atenção! Na perda da comanda será cobrada multa de R\$ 450 mais o lembrado”.

Adorei o “mais o lembrado”.

Rarará!

Como bebem não tem memória, quem lembra é o garçom: “Eu me lembro de que o senhor bebeu três garrafas de uísque mais dois engradados de cerveja e dez porções de batata frita”.

Rarará.

Nóis sofre, mas nós goza!

Hoje, só amanhã!

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

O colunista sempre inicia seus textos com a frase “Buemba! Buemba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República!” e termina com “Nóis sofre, mas nós goza! Hoje, só amanhã!/ Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!”, assim como faz uso da expressão “rarará!” ao longo dos seus textos, usando onomatopeia do som de risada.

Esses chavões são suas marcas e caracterizam seu estilo. Além disso, o autor faz uso de sátira e um jeito bastante peculiar de escrita para falar sobre acontecimentos reais do dia a dia.

No exemplo acima, o autor brinca com o fato de ter sido cancelado o carnaval de rua na cidade de Vilhena, em Rondônia, fazendo um jogo semântico da palavra “rua”, que também é nome do presidente da Fundação Cultural responsável pela organização do evento, Anísio Ruas.

Em seguida, menciona o aniversário do cantor Elvis Presley, “caso estivesse morto”, fazendo um trocadilho, pois o aniversário seria, na verdade, se ele estivesse vivo, mas a piada se dá ao fato de que muitos fãs do cantor não aceitam sua morte, tendo inclusive se tornado popular o jargão “Elvis não morreu”.



Em seguida, o autor menciona as ações da Empresa Petrobras, em tom pejorativo e desqualificador, fazendo relação com a crise que a Empresa sofria na época, inclusive com real desvalorização no mercado financeiro.

Por fim, satiriza o fato de bares cobrarem indevidamente um valor muito alto do cliente que perde a comanda de controle de consumo, fato que rotineiramente é noticiado na mídia, alertando os consumidores.

Feitas essas considerações, notamos que a linguagem do autor é bastante informal, repleta de marcas de oralidade, gírias, jargões e neologismos.

Esta característica aproxima o público, que lê notícias reais, mas com bastante humor e irreverência. A coluna de Simão é claramente escrita com variação linguística, pois usa das mais variadas formas de manifestação da linguagem, sem preocupar-se com a norma-padrão.

### 3.5. Publicações e as recomendações do Manual da Redação

No caderno *Ilustrada* da Folha de S. Paulo, foi publicado o texto “Chamado de ‘golpista’, Marcelo Calero abandona festival em Petrópolis”, de onde se extrai o seguinte trecho:

Participante do protesto, a historiadora Rafaela Elisário, 21, disse que o ministro se exaltou ao ser chamado de golpista e chegou a ameaçar os manifestantes.

Ela é presidente municipal da União da Juventude Socialista, ligada ao PCdoB, partido que se opôs ao impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. (OLIVEIRA, 2016)

Com esse exemplo, nota-se que nem sempre as recomendações do Manual da Redação são utilizadas. Neste caso, no segundo parágrafo, quando o jornalista volta a mencionar Rafaela Elisário, utiliza o pronome pessoal “Ela”, quando deveria usar o sobrenome, “Elisário”, conforme recomenda o Manual da Redação (2011, p. 87):

**mulheres -**

...

Na segunda menção à pessoa em um mesmo texto, identifique-a pelo sobrenome, a não ser quando for mais conhecida pelo prenome chama-la pelo sobrenome possa gerar desinformação.

Outro texto publicado que vai de encontro às recomendações do Manual da Folha, é do colunista Vinicius Torres Freire, “Criação de teto de gasto deve levar despesa federal a nível de 2004”.

O Manual (2011, p. 125) recomenda evitar o uso da expressão “a nível de”, por tratar-se de modismo:

**a nível de -** Evite, pois trata-se de modismo. Numa situação como **Isso só ocorre em nível estadual**, empregue, por exemplo, o termo “âmbito”: **Isso só ocorre em âmbito estadual**.

Apesar disso, permite publicações desse tipo, inclusive com o termo no título de uma coluna assinada.

Aqui, como já vimos anteriormente quando analisada a coluna de José Simão, o jornal permite maior liberdade de escrita ao colunista e as recomendações não são tão criteriosas, apesar de contidas no mesmo editorial. Isso tudo colabora para a flexibilização da língua, com uso da variação linguística, a fim de tornar o conteúdo do jornal mais acessível e atrativo.

## CONSIDERAÇÕES

O jornal Folha de S. Paulo foi escolhido para o presente estudo por ser um jornal de referência não apenas no Estado de São Paulo, como em todo o país.

O diário tem público variado e trata de todos os assuntos que interessam a seus leitores, de lazer a economia mundial, favorecendo a pretendida análise da variação da língua.

Com a análise feita neste estudo, notamos que a norma padrão está presente em praticamente todo o jornal, contudo, também em quase todo ele há variação linguística, ou seja, os textos são escritos de acordo com a norma culta da língua, mas é permitido aos autores o uso de expressões mais informais, gírias, ou até utilização da língua em desacordo com a norma padrão, com maior ou menor ocorrência, a depender do assunto e do caderno que estão inseridos.

No mais, o jornal recomenda no seu Manual da Redação que seja utilizada linguagem coloquial e, não havendo restrição ao caderno que deva se aplicar esta recomendação, ela é válida inclusive para os cadernos mais tradicionais, que primam pela utilização da norma culta.

Não se encontra, contudo, expressões regionalistas, o que pode acontecer excepcionalmente em alguma coluna assinada, cujo assunto permita.

Com os cadernos analisados exemplificativamente, notamos que a linguagem da Folha de S. Paulo, via de regra, é simples e objetiva, apesar de pautada na norma padrão da língua.

De toda a análise, o Caderno Mercado é o que apresenta linguagem mais formal, ainda que utilizando de linguagem simples.

No outro ponto, com linguagem bastante informal e até com utilização de gírias, apresentam-se as colunas, espaço onde os autores estão mais livres para escrever sem tanta preocupação em seguir a norma padrão e nem o Manual da Folha, adotam neologismos, e utilizam gírias para alcançar o que pretendem expressar.

Entre os dois extremos, os demais cadernos transitam num meio termo que caracteriza o jornal: uso da norma padrão, porém com linguagem coloquial.

O Caderno Cotidiano utiliza algumas poucas expressões que trazem marcas de oralidade, mas mantém uma redação mais criteriosa no que diz respeito à norma padrão. Já *O Guia* apresenta textos com linguagem simples e usa bastante marca de oralidade.

No mais, notamos que o Manual da Redação, apesar de recomendado, nem sempre é utilizado, em especial por colunistas e colaboradores.

Fato é que a língua está em transformação constante, em virtude das influências estrangeiras, das novas tecnologias que interferem na vida das pessoas e trazem novos termos, dos neologismos, e até mesmo do comportamento social, fazendo com que a mídia precise adequar-se para envolver o público-leitor, sob pena de restar obsoleta e desinteressante.

Com isso, a adequação acontece da mídia em relação às transformações da sociedade, e não o sentido inverso. Dessa forma, evidente que a variação linguística gravada no jornal de modo algum interfere na sua credibilidade, já que a vida cotidiana das pessoas, cada vez mais atribulada e repleta de compromissos, faz com que o leitor, mesmo conhecedor da norma padrão, prefira a leitura simples e de fácil entendimento.

## REFERÊNCIAS

- ALEGRETTI, Laís. Gasto de brasileiro no exterior volta a subir e fica em US\$1,29 bi em agosto. *Folha de São Paulo online*, set. 2016. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/09/1816892-gasto-de-brasileiro-no-externo-volta-a-subir-e-fica-em-us-129-bi-em-agosto.shtml> >. Acesso em 26 set. 2016.
- BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. 7. ed., São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Português ou Brasileiro? um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.
- \_\_\_\_\_; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. *Língua materna: letramento, variação & ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 38. ed. rev. ampl., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- COSTA, Ana Cecília da. *A encenação da informação: o Movimento Passe Livre no caderno Cotidiano da Folha de S. Paulo*. Dissertação de Mestrado. PUC: SP, 2015.
- Dicionário online. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br>. Acesso em 13 out. 2016.
- FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de; MARUXO JR., José Hamilton. *Gramática*. 20. ed., 5. impr. São Paulo: Ática, 2010.
- FOLHA DE S. PAULO. *Manual da Redação*. 17. ed. São Paulo: Publifolha, 2011.
- FREIRE, Vinicius Torres. Criação de teto de gasto deve levar despesa federal a nível de 2004. *Folha de São Paulo online*, out. 2016. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/viniustorres/2016/10/1821852-criacao-de-teto-de-gasto-deve-levar-despesa-federal-a-nivel-de-2004.shtml> >. Acesso em 17 out. 2016.
- GONÇALVES, Ludmila. Shows e queima de fogos atraem multidão na avenida Paulista. *Folha de São Paulo online*, jan. 2016. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/01/1724968-avida-na-avenida-paulista-reune-um-milhao-de-pessoas.shtml> >. Acesso em 20 set. 2016.
- HOUAISS, Antônio (1915-1999) e VILLAR, Mauro de Salles (1939-). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009
- LAGE, Nelson. Apud CASTRO, Henrique Sérgio Beltrão de. OLIVEIRA, Flávia Brandão de. *Linguagem jornalística e publicitária: comparativo dos roteiros radiofônicos*, 2012. Disponível em <http://revistaprex.ufc.br/index.php/EXTRA/article/view/62/53>. Acesso em 03 nov. 2016.
- OLIVEIRA, Felipe de. Chamado de 'golpista', Marcelo Calero abandona festival em Petrópolis. *Folha de São Paulo online*, set. 2016. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/09/1810035-chamado-de-golpista-marcelo-calero-abandona-festival-em-petropolis.shtml> >. Acesso em 11 out. 2016.
- SIMÃO, José. Crise! Cancelaram o Carnaval!. *Folha de São Paulo online*, jan. 2016. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/josesimao/2016/01/1731396-criese-cancelaram-o-carnaval.shtml> >. Acesso em 20 set. 2016.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7. ed., 4. impr. São Paulo: Ática, 2002.
- WOLF, Luiza. Que trazes para mim?. *Folha de São Paulo online* – guia da Folha, Ano 18 – nº 942 – p.8, abr. 2016. Disponível em < <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2015/04/03/31/> >. Acesso em 20 set. 2016.

## **ABSTRACT**

This present study briefly presents the linguistic variation of the Portuguese language - giving emphasis to the plurality and linguistic prejudice - used in the journalistic language of Folha de S. Paulo newspaper and the influences that this journal suffers from the normative grammar, the Writing Manual edited by the own newspaper and the variation of the language. Also, it presents examples of different sections and columns, highlighting the occurrence of different variants. It analyzes the characteristic terms of linguistic variation and compares their use with that provided for in normative Grammar and in the Writing Manual (ou Manual da Redação). It aims to show that the variation is present in everyone's daily routine, thus reflecting, on the journalistic press.

## **KEYWORDS**

Standard pattern. Linguistic variation. Journalistic text